

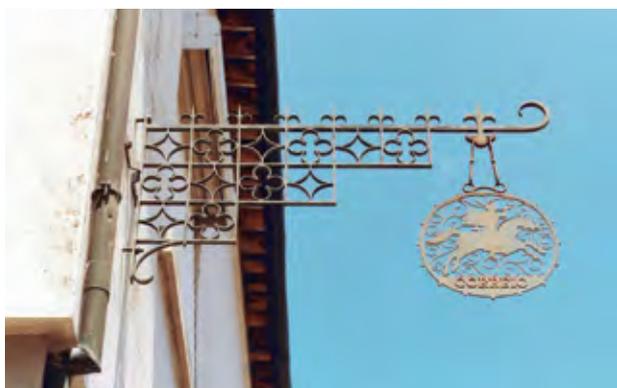
Da história postal na I República

Alva Santos

Neste álbum, a história dos correios em Portugal é contada por ciclos, ou momentos marcantes da atividade postal, consequência de movimentos nacionais e internacionais: o surgimento da República, o Estado Novo, a Revolução de Abril, etc. Não olvidámos as duas guerras mundiais, de cujo palco acabámos por fazer parte, mais direta ou indiretamente, mas sempre sofrendo as suas consequências, refletidas nos avanços e recuos da economia e, conseqüentemente, da sociedade, o que naturalmente se repercute no desenvolvimento das comunicações.

Simbologia

Com o movimento republicano surgem, como símbolos nacionais na entrada do governo provisório, um novo hino (*A Portuguesa*, de Alfredo Keil) e uma nova bandeira nacional.



Ao lado: Selos da emissão D. Manuel II, com sobrecarga «República» (arquivo iconográfico da FPC).

Após análise dos diferentes projetos, onde a maior problemática residiu na selecção das cores, os tons fortes do vermelho e do verde são os escolhidos pela comissão eleita, segundo o modelo de Columbano Bordalo Pinheiro, pois espelham que:

«As sociedades modernas, não querem brandura, querem estímulo...».

Os símbolos, com as armas reais apostas nos objetos em uso na empresa Correios e Telégrafos, foram substituídos pelo símbolo regimental da República.



Marcos e recetáculos

Nos recetáculos postais são, igualmente, substituídos os símbolos com as armas reais pelo novo símbolo adotado pela República.

Nos marcos postais, que continuam a fazer parte da paisagem urbana do País, também as armas reais deram lugar ao símbolo regimental da República.

O marco do correio hexagonal é o modelo *Penfold, pillar box* de 1872. Este modelo chega a Portugal e é, inicialmente, encarado com alguma desconfiança.

Estes recetáculos encomendados na Inglaterra, onde eram denominados *Pillar Box*, passam, a partir de 1885, a integrar a nossa paisagem urbana, vindo mesmo a servir de mote a canções, títulos de programas radiofónicos e revistas da época.

Os modelos, quer dos marcos hexagonais, quer dos de cimalha circular, quer os das caixas de embutir, importados da Inglaterra e mais tarde replicados em Portugal, são modelos *standard*, criados no reinado de Jorge V e construídos na Andrew Handyside and Company of Derby.

Neles, e à medida que a empresa os ia criando, foram afixados os diferentes logótipos. Para além da diversidade de modelos, que coexistiam por todo o País, surgiram também, nalguns pontos da cidade de Lisboa, considerados à época como zonas «nobres», uns marcos com uma cinta branca, logo abaixo da cimalha (topo ou cabeça). Eram os denominados «marcos de colarinho».

A correspondência colocada no marco do correio é recolhida, enviada para o centro de tratamento e daí encaminhada para o respetivo destino.



Nos recetáculos de embutir nas paredes, importados de Londres, também as armas reais são substituídas pelo símbolo regimental da República.

Em alguns destes objetos são visíveis as marcas de raspagem e de sobreposição de simbologias.



Fardamentos

As alterações que a implantação da República provocou na sociedade portuguesa repercutiram-se, também, no setor das comunicações.

O alargamento contínuo do tráfego postal e telegráfico não permitiu a sua subordinação às apertadas regras burocráticas, estabelecidas por qualquer direção de serviços públicos.

Os Serviços de Correios e Telecomunicações tiveram de procurar respostas mais eficazes para melhor satisfazer as necessidades da população.

Os Correios e Telégrafos, que constituíam uma direção-geral do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, passam, em 1911, a administração-geral, com autonomia administrativa e financeira, o que lhes permite, ainda que sob a tutela do ministro, uma maior liberdade de ação. Esta nova situação levou à ampliação e criação de novos serviços e conduziu a alterações no fardamento dos carteiros.

O fardamento de 1912, em tecido de lã preta, com casaco de corte direito e comprido, até dez centímetros acima do joelho, e com gola virada e avivada de vermelho, abotoava com seis botões.

O colete e calça eram da mesma fazenda, e o boné, idêntico ao modelo anterior (da Monarquia), apenas diferia por ser contornado com um francalete preto sobre tira de lã vermelha que terminava com dois botões e com a letra «C».



Greves

De 1917 a 1923, assiste-se a um surto de greves e tumultos nos vários setores de atividade, essencialmente provocados pela subida do custo de vida.

Também no setor dos correios as sucessivas greves traduzem o descontentamento do pessoal que, entre outras situações, questionava as designações das categorias profissionais. Motins vários levaram à detenção de funcionários, tendo o «pessoal menor» ficado detido no navio *Lourenço Marques* e o denominado «pessoal maior» no Forte de Caxias.

Se, por um lado, o aumento populacional nos grandes centros, fruto essencialmente de uma tímida industrialização que atrai uma nova população vinda dos meios rurais, gera um maior fluxo de correspondência, também as turbulências internas e o período do pós-guerra são fatores que geram uma certa estagnação do setor.

Nos anos 1920, a mulher conquista, na sociedade, vários espaços em setores que, até então, lhe tinham sido interditados. Também na administração dos Correios Telégrafos e Telefones surgem as profissões de telefonista, telegrafista e datilógrafa.



Manifesto

da
Corporação telegrafo-

o podia de forma nenhuma a classe telegrafo-
ficar silenciosa ante os graves acontecimen-
bem conturbado ultimamente a sociedade
e assim é que vem hoje manifi-
mo juiz de todas as causas
es acontecimentos.
como quer

do País
entícios primor-
ção das nossas
o que, diga-se
que, entre o
tha a surgir
izos a tod
Mi
p
Quando este Comité aguardava a resolução do governo em
momentoso assunto da nossa greve, visto não poder compr
surge, com mais arbitrariedade e com maior ímpeto,
violência.
O governo, esquecendo os mais raimen-
seus actos, mandou prender, em sua
elementos telegrafo-postais que, co
— Foram presos os nossos
— Mantem-se em
— Conser
Sardinha, Maurício (deleg
rem distribuído ma
onde não os

PORTO, 20 de Março de 1921
Numero 4
A CLASSE TELEGRAFO-POSTAL
e ao Público



Estações dos correios e carteiro

As estações dos correios e o carteiro distribuidor foram e são, hoje, a imagem mais visível e imediata dos serviços postais.



Carruagens

Nas carruagens, integradas nas composições dos caminhos-de-ferro e que executavam o serviço postal, as condições de trabalho, manuseamento, tratamento e recolha eram bastante difíceis.



CEP (Corpo Expedicionário Português)

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Corpo Expedicionário Português (CEP), constituído por cerca de 55 mil soldados, integrou barricadas e trincheiras, no propósito inequívoco de ser par das forças aliadas (ao lado das britânicas) em França.

A 30 de janeiro de 1917, parte para França a 1.ª Brigada do Corpo Expedicionário Português, sob o comando do coronel Gomes da Costa.

Junto deste corpo do Exército atuou um serviço de posta militar, o Serviço Postal de Campanha (SPC), constituído por funcionários dos CTT que, enquanto oficiais equiparados, com as graduações de capitão, tenente e alferes, foram testemunhos históricos e documentais desta participação.



O Arquivo da Fundação Portuguesa das Comunicações é depositário do espólio doado pela família de Humberto da Cunha Serrão. Este, a esse tempo, foi mobilizado para França, onde, com a categoria de capitão, exerceu funções no SPC.

No final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha, para nos ressarcir dos danos causados, envia para Portugal 27 carruagens construídas pelas fábricas Linke Hoffmann e Maschinenbau, para serem utilizadas no serviço postal, aumentando, assim, a rede de ambulâncias ferroviárias.

